

## **TRAUMAS HISTÓRICOS E MEMÓRIA: O ENSINO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA**

Denise Oliveira Gonçalves de Azevedo Cunha<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da área de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO, Campus Palmas. Doutoranda em Educação pelo Dinter PPEDU UEL-IFTO. Membro do Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC. Endereço eletrônico: denise.oliveira@ifto.edu.br.

### **1 INTRODUÇÃO**

O ensino de História tem como uma de suas finalidades centrais o desenvolvimento da consciência histórica, entendida como um atributo inerentemente humano e que diz respeito à capacidade de interpretar o passado na intenção de orientar ações éticas no presente e no futuro. Para que essa consciência seja crítica e mobilizável frente aos desafios da vida prática, é necessário enfrentar temas sensíveis (como genocídios, ditaduras e violências sistemáticas, dentre outras experiências traumáticas) no contexto escolar. No entanto, tal abordagem ainda encontra resistências, tanto por parte dos docentes, quanto dos estudantes. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os aspectos formativos e éticos do ensino de histórias difíceis a partir das contribuições teóricas de Theodor Adorno, Bodo von Borries e Jörn Rüsen. A seleção desses autores justifica-se pela relevância de suas reflexões na defesa do enfrentamento de passados traumáticos como meio de formar cidadãos críticos e comprometidos com a prevenção de novas formas de barbárie.

### **2 OBJETIVO**

Refletir acerca do papel do ensino de temas históricos difíceis no desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes, a partir das contribuições de Theodor Adorno, Bodo von Borries e Jörn Rüsen, destacando sua relevância para se evitar a reincidência de barbáries históricas.

### **3 MATERIAL E MÉTODOS**

O trabalho fundamentou-se numa pesquisa de natureza qualitativa, baseada em revisão bibliográfica de obras que discutem os conceitos de consciência histórica, competência narrativa e história difícil. Utilizou-se como referências principais: “Educação e Emancipação” (Adorno, 2006), “Jovens e consciência histórica” (Borries, 2018) e “Razão histórica” (Rüsen, 2010). A análise consistiu na leitura crítica e comparativa, assim como no fichamento dessas obras, segundo as orientações preconizadas por Marconi e Lakatos (2003, p. 47-48), buscando identificar convergências e especificidades nas perspectivas dos autores sobre a função ética e formativa do ensino da história difícil.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir de Rüsen (2010, p. 61), a consciência histórica é compreendida como a capacidade de organizar experiências temporais em narrativas que conectem passado, presente e futuro. Sua tipologia (tradicional, exemplar, crítica e genética)<sup>1</sup> indica diferentes formas de atribuição de sentido histórico, sendo a consciência crítica e genética essenciais para enfrentar histórias difíceis.

A consciência histórica refere-se a um atributo eminentemente humano, cujo desenvolvimento pode ser estimulado e ampliado no ensino de História, permitindo que os aprendizes se apropriem de referenciais para se situar no fluxo temporal e compreendam as permanências, rupturas e transformações que marcam a vida em sociedade.

É fundamental destacar que, para Rüsen, as formas de geração de sentido histórico não devem ser compreendidas como etapas sucessivas de um processo linear de desenvolvimento, mas como diferentes modos de articular memória, experiência e expectativas. Essas formas revelam como os sujeitos conectam passado, presente e futuro, atribuindo significados distintos à experiência temporal. Assim, a tipologia proposta pelo autor indica a existência de diferentes graus de consciência histórica, expressos na maneira como os indivíduos reconhecem e elaboram a relação entre essas três dimensões do tempo (Rüsen, 2010, p. 57).

Nessa mesma perspectiva, a noção de competência narrativa, relevante no pensamento rüseniano, desempenha papel essencial na organização do conhecimento histórico. Ela permite ao indivíduo elaborar narrativas coerentes, capazes de interpretar o passado de forma significativa, contextualizar o presente e orientar a projeção de futuros possíveis. Deste modo, o ensino de temas difíceis adquire centralidade, pois confrontar os estudantes com os tensionamentos e tragédias da história lhes possibilita desenvolver uma consciência crítico-genética. A consciência histórica não se restringe a registrar erros, mas busca compreendê-los em sua intencionalidade e complexidade. Seu desenvolvimento constitui processo formativo essencial, ao possibilitar que os sujeitos elaborem criticamente o passado como referência na construção de identidades e projetos coletivos.

No conjunto dessas considerações, Adorno contribui ao enfatizar que a educação deve garantir que Auschwitz não se repita, defendendo que elaborar o passado é um processo ético de enfrentamento das causas históricas da barbárie. Essa elaboração exige autorreflexão crítica e disposição para abordar traumas históricos de forma honesta, prevenindo retrocessos civilizatórios.

Nesse sentido, diante da tendência predominante de negar ou minimizar as consequências de experiências traumáticas, é importante se indagar acerca de quanto de legado histórico persiste no

---

<sup>1</sup> A tipologia da consciência histórica elaborada por Jörn Rüsen estrutura-se em quatro modalidades, cada uma delas orientando modos distintos de compreender o tempo e de orientar a ação humana. O tipo tradicional baseia-se na repetição de padrões herdados do passado; o exemplar recorre a experiências históricas como modelos para a vida prática; o tipo crítico problematiza e rompe com referências passadas, projetando novas possibilidades de futuro; enquanto o genético dedica-se à compreensão da origem e do desenvolvimento dos processos históricos. Esses diferentes modos de pensamento histórico, conforme assinala o autor, conferem inteligibilidade à experiência humana no tempo, ao mesmo tempo em que possibilitam a atribuição de sentido às práticas individuais e coletivas (Rüsen, 2010, p. 61).

presente. “O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado e que se quer escapar ainda permanece muito vivo” (Adorno, 2006, p. 29).

Ademais, é necessariamente dessa dificuldade de confrontar o próprio espaço de experiência, composto por vivências passadas que podem envolver a culpa, a vergonha e o luto, mas também o revanchismo, que pode ser engendrado um contexto favorável para o desenvolvimento de condições históricas que favorecem a repetição de barbáries, pois o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou” (Adorno, 2006, p. 49).

O passado não deve ser visto como memória estática, mas como experiência dinâmica a ser continuamente elaborada. Nesse movimento, o ensino de histórias difíceis cumpre função crítica e preventiva, ao possibilitar a compreensão de crimes e sofrimentos sociais e formar sujeitos historicamente conscientes e eticamente comprometidos.

Complementando as discussões que são encaminhadas por Adorno, Bodo von Borries introduz o conceito de “história difícil” (*burdening history*), que diz respeito aos eventos históricos que trazem à tona a reflexão acerca dos traumas coletivos, marcados por sentimentos de culpa, responsabilidade, vergonha e luto (Borries, 2018, p. 35-36). Para ele, o enfrentamento de passados traumáticos potencializa a aprendizagem histórica, permitindo reconhecer continuidades de estruturas de opressão e violência no presente. A integração dessas perspectivas revela que o ensino de História, ao lidar com temas controversos e dolorosos, não deve limitar-se à transmissão factual, mas promover a elaboração crítica do passado, fortalecendo a cidadania democrática e a defesa dos direitos humanos.

Este autor adverte que ao negligenciar, minimizar ou relativizar eventos de intolerância, violência e injustiça, o ensino de História arrisca difundir uma visão ilusória de progresso ou de uma humanidade naturalmente justa. Para evitá-lo, é necessário reconhecer as rupturas e tragédias do passado, construindo uma aprendizagem histórica crítica, capaz de identificar sujeitos, intencionalidades e contradições.

A perspectiva de von Borries sobre a “história difícil” reforça, em nosso contexto mais próximo, a importância de incorporar ao currículo escolar questões como os impactos da colonização, a permanência do racismo estrutural, o legado das ditaduras militares latino-americanas e os genocídios dos séculos XX e XXI. Para o autor, aprender História significa também compreender as conexões entre esses processos do passado e as formas de opressão que persistem no presente. Nessa direção, o ensino de temas difíceis não se restringe à transmissão de fatos, mas busca fomentar uma consciência histórica crítica, engajada e eticamente sensível, capaz de orientar os estudantes na interpretação crítica da realidade e na construção de práticas sociais mais justas e democráticas.

O enfrentamento do fardo histórico relacionado a experiências de violação de direitos humanos e outros abusos, exige, no contexto de uma educação cidadã, que os sujeitos envolvidos na prática educativa assumam um compromisso ético com o seu tempo presente. Negar ou relativizar traumas históricos representa uma possibilidade real de reincidência do passado. “Quem ainda insiste em afirmar que o acontecido nem foi tão grave assim já está defendendo o que ocorreu, e sem dúvida seria capaz de assistir ou colaborar se tudo acontecesse de novo” (Adorno, 2016, p. 136). De modo que o movimento crítico que deve ser empreendido é no sentido de que se denuncie e se combata os elementos históricos que possam, no presente, representar uma ameaça de retrocesso histórico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem das histórias difíceis constitui estratégia formativa fundamental para desenvolver competências narrativas e consciência histórica orientadas por princípios éticos. Nesse enquadramento, Rüsen destaca a função da narrativa na construção de sentido temporal; Adorno, a necessidade de uma educação contra a barbárie; e von Borries, a relevância pedagógica de enfrentar passados traumáticos. Diante de contextos de polarização, negacionismo e revisionismo, o ensino de História torna-se ato de resistência, ao promover a elaboração crítica do passado e afirmar o compromisso com a dignidade humana. Em face de ameaças iminentes de retrocessos no que diz respeito às nossas conquistas civilizatórias, não se deve naturalizar práticas e princípios moralmente questionáveis, pois, nessas circunstâncias “desobedecer é uma declaração de humanidade” (Gros, 2018, p. 17). Logo, ensinar e aprender História afirma-se também como um ato de resistência capaz de promover uma sociedade que recuse o inaceitável e valorize a memória como instrumento de transformação social.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 29-49.

BORRIES, Bodo von. Lidando com histórias difíceis: tipos de reconciliação com danos e culpas históricas. In: **Jovens e consciência histórica**. Curitiba: W. A. Editores, 2018, p. 33-54.

GROS, Frédéric. Nós aceitamos o inaceitável. In: **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018, P. 9-18.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora UNB, 2010.